Ventos de avaliação

Albertino Gonçalves

Há temas que mal ocorrem logo os desviamos para um canto. Repetidamente. Por sensatez e conveniência. Abordá-los releva de uma opção estúpida, no sentido satírico de Carlo Cipolla: "Uma pessoa estúpida é uma pessoa que causa um dano a outra pessoa ou grupo de pessoas, sem que disso resulte alguma vantagem para si, ou podendo até vir a sofrer um prejuízo (...). Ninguém sabe, percebe ou pode explicar porque é que essa absurda criatura faz o que faz. De facto não há explicação, ou melhor, há uma única explicação: a pessoa em questão é estúpida" (Cipolla, Carlo, 1993, *Allegro Ma Non Troppo*, Oeiras, Celta, pp. 60-61). O tema de hoje foi retirado do purgatório das ideias daninhas. Esta crónica é estúpida!

Não vai muito tempo, Portugal acordou sobressaltado para as virtudes da avaliação. E acordou febril. Passou, num ápice, de uma hipotermia para uma hipertermia avaliativa. Abrangeu quase tudo o que é instituição pública. Multiplicaram-se, quase por geração espontânea, os avaliadores. Tornou-se mais regulamentada, mais sistemática, mais técnica, mais padronizada, "mais eficaz e mais eficiente". Não acrescento mais científica, nem mais participada, porque não quero escrever mais disparates.

Apesar de ostentar um batismo relativamente recente, a avaliação não começou agora. Há muito que se aplicam várias formas de avaliação, incluindo a mal-amada inspeção. A responsabilização e o conhecimento, próximo e profundo, do desempenho dos colaboradores sempre constituíram atividades imprescindíveis.

Como sopram os ventos da avaliação atual?

A avaliação continua a respeitar alguns esquemas antigos. Respeita as leis da gravidade. A avaliação pesa, ou pinga, de cima para baixo. Normalmente, o superior avalia o médio, este, o inferior e o externo, o interno. Acontece, por vezes, sobrevir um esboço de inversão. Insinuam-se, assim, zonas de alguma levitação. Nas escolas secundárias, os professores emitem parecer sobre alguns colegas, por exemplo, os coordenadores, e nas universidades os alunos avaliam os docentes. Configuram, no entanto, componentes com pouca ponderação na avaliação global. Em instituições com um entorse na democracia, de pendor aristocrático, acontece uns poucos, no topo da carreira, avaliarem praticamente tudo e todos.

Toda a parafernália mobilizada para a avaliação concentra-se menos nos conteúdos e nas práticas e mais nas suas emanações, mormente nos indicadores e nos índices facultados, em grande medida, pelos próprios avaliados. A avaliação não incide sobre a realidade das práticas mas sobre o seu envelope burocrático. Não são avaliadas as aulas propriamente ditas, nem a investigação, nem as publicações, nem a prestação de serviço às comunidades, em suma, tudo o que caracteriza a profissão, mas os respetivos relatórios de relatórios, esquemáticos, lineares e superficiais quanto baste. Dez artigos não valem o dobro de cinco artigos. Todos o sabemos. Um artigo publicado no estrangeiro não vale mais do que um artigo publicado no País. Todos sabemos isso, a não ser que acreditemos no chavão segundo o qual os portugueses exportam o melhor e deixam para o País o que não presta. Escrevi um artigo que uma revista espanhola

traduziu; em seguida, uma alemã. Qual é o artigo que vale mais? O da Alemanha? Um docente recorre a materiais didáticos nas suas aulas, outro não. Quais são as melhores aulas? A avaliação assenta num conjunto de indicadores e de pressupostos arbitrários. A avaliação convoca ideologias que não são neutras.

Com tamanha visibilidade do aparelho avaliativo e com tanta voracidade informativa, este tipo de avaliação corre o risco de não promover a qualidade da prática profissional, mas antes de a perturbar. Parte da atividade profissional é, hoje, desenvolvida sob o signo da avaliação, ou seja, para a avaliação. Com os custos que tal desvio comporta. Pior, os profissionais passam a sintonizar a sua ação em função dos critérios adotados para a avaliação. As necessidades de ação e os critérios profissionais endógenos são subvertidos por um vício de forma. Os autores marxistas e neokantianos chamariam a esta operação uma reificação colossal.

Albertino Gonçalves - Ventos de avaliação. *ComUM online*, 18.11.2012